

INTERNACIONALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: Relato de Mobilidade Acadêmica e experiência formativa a partir do Diário de Registros

Fernanda Seidel Vorpapel¹
Cláudia da Silva Cousin²
Leidy Gabriela Ariza Ariza³

Resumo: O texto apresenta uma discussão sobre os fenômenos da Internacionalização na Educação Superior, a partir de revisão bibliográfica em periódicos da área de educação e relato de experiência de mobilidade acadêmica internacional, realizado na Colômbia, na Universidade Pedagógica Nacional (UPN). A mobilidade discente foi oportunizada por meio do edital de seleção interna do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Brasil. O intercâmbio teve a duração de um mês e foi realizado no primeiro ano do mestrado. A vivência dessa mobilidade possibilita a articulação com o problema de pesquisa da mestranda, a saber, “o que é isso que se mostra de Educação Ambiental crítica e transformadora nas narrativas do contexto escolar Brasileiro e Colombiano?” - para com outro lugar socioespacial, oportunizando adensar a discussão dos aspectos intrínsecos à pesquisa. Como modo de re(significar) a experiência, se aposta no diário de registros, que evidencia que, para além da academia, a mobilidade promove a formação pessoal. Espera-se, a partir do texto, estimular e intensificar a mobilidade internacional, especialmente, na graduação e na Pós-Graduação.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Ensino Superior. Internacionalização dos conhecimentos.

INTERNACIONALIZACIÓN EN EDUCACIÓN SUPERIOR: Informe de Movilidad Académica y experiencia formativa del Diario de Registros

Resumen: El texto presenta una discusión sobre los fenómenos de la internacionalización en la educación superior, a partir de la revisión bibliográfica en periódicos del área de educación y relato de experiencia de movilidad académica internacional, realizada en Colombia, en la Universidad Pedagógica Nacional (UPN). La movilidad estudiantil descrita en el texto, fue una oportunidad por medio de una convocatoria de selección interna del Programa de Posgrado en Educación Ambiental (PPGEA) en la Universidad de Rio Grande (FURG), de Brasil. El intercambio tuvo una duración de un mes y fue realizado en el primer año de la maestría en educación ambiental. La vivencia de la movilidad permitió la articulación con el problema de investigación en la maestría, el cual es ¿qué es eso que se muestra de la Educación Ambiental crítica y transformadora en las narrativas del contexto escolar Brasileño y Colombiano? - en otro lugar socioespacial, como oportunidad de consolidar la discusión de aspectos intrínsecos en la investigación. Como modo de re(significar) la experiencia se apuesta utilizando el diario de registros, que evidencia que mas allá de la academia la movilidad promueve la formación personal. Se espera a partir del texto estimular e intensificar la movilidad internacional, especialmente en pregrado y posgrados.

Palabras Clave: Educación Ambiental. Enseñanza Superior. Internacionalización del conocimiento.

¹ Professora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Goulart - São Borja. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Bolsista Capes.

² Doutora em Educação Ambiental. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

³ Doutora em Educação Ambiental. Professora na Universidade Pedagógica Nacional – UPN (Colômbia).

INTERNATIONALIZATION IN HIGHER EDUCATION: Report of Academic Mobility and formative experience from the Records Diary

Abstract: The text presents a discussion on the phenomena of Internationalization in Higher Education, based on a bibliographic review in educational journals and an account of the experience of international academic mobility, carried out in Colombia, at National Pedagogical University (UPN). Student mobility was made possible through the internal selection notice of the Postgraduate Program in Environmental Education (PPGEA), from Federal University of Rio Grande (FURG), Brazil. The exchange lasted one month and was carried out in the first year of the master's degree. The experience of this mobility makes it possible to articulate with the research problem of the master's student, namely, "what is it that shows up as critical and transforming Environmental Education in the narratives of the Brazilian and Colombian school context?" - to another socio-spatial place, making it possible to intensify the discussion of aspects intrinsic to research. As a way to re (signify) the experience is bet on the record diary, which shows that in addition to the academy, mobility promotes personal training. It is expected, from the text, to stimulate and intensify international mobility, especially in undergraduate and graduate courses.

Keywords: Environmental Education. University education. Internationalization of knowledge.

Um olhar sobre mobilidade acadêmica: o fenômeno da internacionalização na educação superior

Os intercâmbios acadêmicos, em universidades brasileiras, bem como no mundo, em nível nacional e internacional, constituem-se em importantes movimentos que permitem ampliar, difundir e partilhar novos estudos e pesquisas. É nesse movimento entre instituições de ensino superior que podemos promover novas relações e entendimentos acerca da educação. A importância da mobilidade acadêmica é relevante tanto para o crescimento pessoal e profissional do estudante, como também para a construção de projetos conjuntos de pesquisa que visem promover o fortalecimento e a consolidação de Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*.

A mobilidade acadêmica, também, se constitui, por vezes, em uma oportunidade única para o estudante conhecer novos lugares, tendo em vista que, nessa fase da formação, geralmente, as baixas condições socioeconômicas se fazem presentes. Nesse sentido, a mobilidade acadêmica se torna, também, uma oportunidade, pois, na maioria das vezes, as instituições oferecem subsídios ao estudante, que vão além de recursos financeiros, a exemplo, orientação sobre a cidade, locomoção, hospedagem e outros tantos aspectos que permitem uma melhor estada e, por consequência, um melhor

desenvolvimento de suas atividades.

Diante da missão das universidades de preparar cidadãos para um mundo interligado e interdependente, ou seja, globalizado, surge a necessidade de uma experiência educacional internacionalizada, a qual permite o conhecimento e o respeito pela diversidade cultural (STALLIVIERI, 2002). Ainda de acordo com o autor, a cooperação internacional passou a ser um objetivo comum das sociedades científicas mundiais, em especial, porque, através da internacionalização das instituições, assegura-se a qualidade e a eficácia na renovação e na socialização do conhecimento produzido.

Para além do avanço em conceitos científicos e no estreitamento das relações de grupos de pesquisa, a mobilidade de estudantes, professores e pesquisadores, entre as instituições de ensino superior, possibilita o entendimento de diferentes universos de significado. Nessa perspectiva, Bauman (2007) aborda a questão da mixofobia - medo de misturar-se e mixofilia - que diz respeito à vontade de conhecer, sentir prazer em conhecer a cultura e o pensar diferente, no nosso mundo globalizado e inseguro. Na perspectiva do autor, essas questões coexistem em todas as cidades e em cada um de seus moradores. Para ele, reconhecidamente, uma coexistência incômoda, embora signifique muito para as pessoas que se encontram na extremidade receptora da ambivalência líquido-moderna.

Nessa direção, este trabalho tem, como ponto de partida, a discussão sobre o fenômeno da internacionalização na Educação Superior, através de revisão bibliográfica, realizada em periódicos da área da educação. Para adensar as compreensões acerca da mobilidade internacional, problematizamos, a partir da análise do diário de registros da mestranda, autora deste texto, um relato de experiência, realizado entre as instituições da Universidade Pedagógica Nacional (UPN), na Colômbia e Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no Brasil.

Apresentamos, na introdução, uma breve contextualização sobre a importância da mobilidade acadêmica, que consiste em uma das modalidades do fenômeno da internacionalização da Educação Superior. Seguimos apresentando a metodologia, na pretensão de mostrar o caminho da análise deste estudo. Posteriormente, são problematizadas as tessituras textuais, decorrentes da revisão bibliográfica em periódicos da área, seguidas pelo relato do processo de seleção de mobilidade discente que

oportunizou este estudo, bem como as aprendizagens decorrentes da experiência, a partir da análise do diário de registros. Por fim, são apontadas as considerações sobre o trabalho em questão, anunciando com as problematizações realizadas e, também, os novos questionamentos emergentes.

Caminhos metodológicos

O presente estudo se constitui, no primeiro movimento, a partir de uma revisão bibliográfica sobre o cenário da internacionalização na Educação Superior e, no segundo movimento, apresentamos um relato de experiência de mobilidade acadêmica. A intencionalidade do intercâmbio é adensar compreensões acerca da pesquisa e por meio da partilha de saberes (re)construir olhares para com a Educação Ambiental como questão de vida. A análise dos dados da revisão bibliográfica se constituiu a partir da análise de conteúdo ancorado em Bardin (1995), que pressupõe, na primeira etapa, a pré-análise, na segunda, a inferência e, por fim, a interpretação.

A revisão bibliográfica foi realizada em quatro periódicos de educação, escolhidos por representarem revistas da área de interesse e com avaliação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A análise teve, como *corpus* de pesquisa, as seguintes revistas: Revista Educação em Questão (UFRN), Contexto e Educação (Unijuí), Educação (UFSM) e o dossiê “Educação Superior e Internacionalização”, da Revista Espaço Pedagógico (UPF).

Para a seleção dos artigos, observou-se o descritor Internacionalização e Educação Superior nas palavras-chave e/ou título dos artigos publicados no período de 2017 a 2020 (agosto), com excessão do período para o Dossiê. Os artigos selecionados, a partir dos descritores, foram novamente analisados por meio da leitura do resumo, excluindo aqueles que não contemplavam os objetivos do nosso estudo, totalizando 16 artigos. O quadro 01 retrata a análise feita e o número de artigos selecionados em cada revista, a serem problematizados no próximo item deste estudo.

Quadro 1 – Análise dos artigos para formar o corpus da pesquisa.

Revistas	Educação em Questão	Contexto e Educação	Educação	Espaço Pedagógico (Dossiê)	Total
Número de volumes analisados.	13	09	09	01	32
Número de artigos no período analisado (2017 a 2020).	148	130	257	11	546
Números de artigos selecionados a partir dos descritores.	12	01	06	08	27
Artigos selecionados, para o corpus da pesquisa.	05	01	02	08	16

Fonte: as autoras (2020).

Para além da revisão bibliográfica, apresentamos um relato de experiência, em que propomos compartilhar as aprendizagens construídas na mobilidade acadêmica vivenciada pela mestranda, tendo como objeto de análise o diário de registros que se constitui na escrita "narrativa como forma de entender a experiência" (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 53). Compreendemos o diário de registros como documentação da experiência, assumindo-o como objeto de investigação, em que registrar, significa, também, fazer observações avaliativas e críticas sem emprestar ares de certeza (FREITAS; MACHADO; SOUZA, 2017).

Nesse sentido, a partir da revisão bibliográfica, objetivamos debater o cenário da internacionalização acadêmica no Ensino Superior e, por meio do relato de experiência, problematizar os desafios e a formação humana, bem como os aspectos que são intrínsecos ao processo de mobilidade vivenciado na pós-graduação: a pesquisa, o sujeito e o lugar/pertencimento.

O cenário emergente das tessituras textuais de revisão bibliográfica: produção de significados

Para início de conversa, existem diferentes modos da Educação Superior promover internacionalização e, em segundo lugar, destacamos que a internacionalização está articulada ao fenômeno da globalização⁴. De acordo com Pereira, Heinzle e Pinto (2017), a internacionalização, na Educação Superior, vem crescendo, desde os anos 1980, e, neste século XXI, tem se acentuado, tendo em vista o aumento desse fenômeno que se destaca em diferentes aspectos, tais como: a mobilidade de docentes e discentes; a extensão de campus em diferentes países; a interculturalidade no currículo e/ou o desenvolvimento de parte dele em outros países; articulação em conjunto de projetos de pesquisas, organização e desenvolvimento de eventos sobre determinada temática. O que, também, pode ser observado pelo crescente número de editais, vinculados às instituições superiores, que se destacam nas páginas das redes sociais.

Destacamos que, por vezes, os termos globalização e internacionalização, ao se referirem à Educação Superior, têm sido utilizados como sinônimos. Entretanto, apesar de estarem articulados, não possuem o mesmo significado. As diferenças e aproximações entre a globalização e a internacionalização podem ser compreendidas como a:

[...] globalização está interligada às tendências econômicas, políticas, sociais e acadêmicas do século XXI, enquanto os processos de internacionalização estão envolvidos com a conjuntura de políticas e ações desenvolvidas no interior dos sistemas acadêmicos, das práticas institucionais e dos indivíduos; essa realidade vem repercutindo nas novas prioridades e arquiteturas do ambiente acadêmico global (MOROSINI; CORTE, 2018, p. 115).

Ao tratarmos da internacionalização na Educação Superior, consideramos a discussão sobre os efeitos de governamentalidade em relação ao Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), abordado por Lignau e Navarro (2019), que realizam o estudo a partir da análise de narrativas de egressos que se envolveram com esse programa, bem como entrevistas com professores e análise de páginas na internet. De acordo com os autores, os efeitos de sujeição nas instituições divergem das propostas pelo programa CsF,

⁴ Conceito problematizado por Milton Santos aborda a globalização “como fábula, como perversidade e como possibilidade aberta ao futuro de uma nova civilização planetária” (SANTOS, 2002, p. 2).

principalmente, em relação à dificuldade com a fluência da língua inglesa.

Compreendemos que a questão da pouca oferta e preparo de fluência em línguas estrangeiras, sem custos, antes da possibilidade de uma modalidade de internacionalização, perpetua ainda hoje. Os cursos preparatórios, principalmente aqueles em que o estudante não precisa investir financeiramente, não atingem a todos os sujeitos com a mesma intensidade. Temos programas que oportunizam discentes e docentes a terem uma experiência internacional, no entanto, por vezes, fica restrita a quem já tem um domínio sobre a língua, ou seja, uma formação anterior, que não é oferecida pela instituição. Dessa forma, “o ensino da língua inglesa no cenário da educação brasileira aconteceu de forma líquida, sem investimentos pesados na formação docente e discente” (LIGNAU; NAVARRO, 2019, p. 12).

Nessa direção, Morosini e Corte (2018) apresentam três categorias a respeito das realidades sobre a expansão da internacionalização da Educação Superior no Brasil, sendo elas: a globalização e a internacionalização da Educação Superior como conceitos e práticas (in)dissociáveis; a mobilidade acadêmica; e estratégias de gestão institucional. Os autores sinalizam, no estudo, realizado que "no global sul, há forte concepção de integração regional e no global norte há priorização da internacionalização com fins econômicos" (MOROSINI, CORTE, 2018, p. 97).

Em outra perspectiva, Oliveira, Wielewicki e Pezarico (2019) problematizam três categorias, a saber: sujeito, lugar e pesquisa, que expressam conceitos que sustentam políticas e ações de internacionalização. As categorias, a partir do estudo dos autores, são assim compreendidas e defendidas:

[...] os Sujeitos, em vez de indivíduos desprovidos de sua identidade, foram identificados como o ponto de partida e a força motriz dos processos de internacionalização. Os Lugares são espaços inerentemente repletos de contradições e possibilidades, reunindo sujeitos que podem contar com apoio e meios para construir pontes para atuar dentro de zonas de fronteira, em esforços interdisciplinares de Pesquisa para abordar questões complexas que afetam a humanidade (OLIVEIRA; WIELEWICKI; PEZARICO, 2019, p. 1).

As etapas pelas quais passou a cooperação acadêmica internacional brasileira, em atenção à importância que a internacionalização da Pós-graduação tem para a ciência e,

sendo um critério de classificação na avaliação dos programas, foram discutidos por Silva, Schetinger e Neto (2018), que apontam para a maneira simétrica da cooperação e do crescimento:

com a entrada do século 21 e é o que permanece nos dias atuais. Agora, a colaboração acadêmica internacional é simétrica, com um modelo igualitário de trocas, sem assistencialismo, em que há compartilhamento de ideias, pesquisas e do custeamento financeiro entre os países cooperantes (SILVA; SCHETINGER; NETO, 2018, p. 347).

O movimento de internacionalização implica, também, o currículo do ensino superior, de acordo com Thiesen (2018), em especial atenção ao cosmopolitismo que vai ao encontro de um currículo em outra perspectiva que não reduza o ser humano a um número e/ou um padrão. De acordo com o autor, um currículo cosmopolita é aquele baseado em projetos de formação que possibilitam reduzir as históricas desigualdades socioculturais em termos linguísticos, reconhecendo o poder da linguagem. Desse modo, projetos articulados ao movimento de internacionalização consistem em uma alternativa social de ampliação do direito de acesso, pelos sujeitos, às riquezas ambientais, culturais e espirituais historicamente produzidas, sendo, dessa forma, uma possibilidade para a (re)criação de currículos que promovam a autonomia dos espaços escolares e das universidades (THIESEN, 2018).

No emaranhado da discussão, também, se destaca a expressão transnacionalização, que é adotado por Maués e Souza (2018), no sentido de estar associada a processos de mercadorização da Educação Superior, denunciando que esse tipo de transnacionalização consiste em uma das formas do projeto neoliberal para a universidade, que procura mercadorizar o Ensino Superior. De acordo com Jacobus, Vitelli e Fritsch (2019, p. 1), a Educação Superior no Brasil, em relação ao seu cenário, “é fortemente influenciado por movimentos globais do capitalismo com viés neoliberal, com incentivo de organismos multilaterais que impulsionam uma expansão mercantilizada, diversificada, privada e elitizada.”

Na discussão de aspectos intrínsecos à internacionalização, o panorama sobre redes intelectuais e de internacionalização, no contexto da América latina, é apresentado por Battestin, Munhoz e Costa (2017), com o objetivo de problematizar o papel das redes

no processo de internacionalização, em especial, em contextos com diversidade cultural, nos quais é importante reconhecer a diversidade de culturas e de desenvolvimento humano como parte integrante da natureza, com vistas a operar uma ordem social que atenda às necessidades regionais das comunidades envolvidas.

Os autores López, Fávero e González (2017) analisam a inclusão de 64 acadêmicos estrangeiros na universidade pública do México, sob diferentes indicadores, tanto quantitativos quanto qualitativos. Tal experiência de internacionalização, segundo os autores, permite romper a endogenia das instituições, de modo a nutrir práticas disciplinares e trânsitos interdisciplinares em âmbito global.

O estudo hermenêutico, realizado no âmbito da educação comparada internacionalmente, entre Alemanha e Brasil, na modalidade do ensino fundamental, anos iniciais, apresentado por Devechi, Tauchen e Lanz (2017), contextualiza a política em educação no que se refere à formação docente, bem como a sua relação com a educação internacional. As autoras concluem, em seu estudo, que, mesmo com perspectivas, estruturas, contextos e problemas diferentes, há uma tendência de formação docente decorrente da globalização internacional cada vez mais tecnicizada e menos emancipadora.

A universidade está sujeita à exigência de internacionalização, bem como as iniciativas que façam dela ser um espaço criativo e de inovações. Akkari e Santiago (2017) tem como objetivo desmistificar o conceito de internacionalização, ao mostrar que o fenômeno da internacionalização é visto como um aspecto de competição nacional e internacional. Nesse sentido, os autores propõem caminhos para mobilizar projetos criativos de internacionalização que configurem a universidade como potencial para a mudança social.

Em se tratando da internacionalização como um aspecto de competição que se volta para o mercado de trabalho, Caetano e Costa (2018), ao contemplarem em seu estudo a gestão da educação, bem como da escola, a partir de concepções gerencialistas, apontam que este modelo possibilita que o Estado crie condições para o aumento dos investimentos privados na educação pública. Problematizam que a educação deixa de ser um direito e se torna um negócio. Ainda de acordo com os autores,

[...] alteram-se o conteúdo da educação e o lócus da formação docente; substitui-se o princípio democrático de autodeterminação didático-pedagógica e de organização e gestão da escola pública por orientações mercadológicas nas quais a educação pública integra o setor de serviços, constituindo-se mais um produto com valor de troca no mercado. Conclui-se, evidenciando, no artigo, como as instituições privadas organizadas em rede, vêm orientando as políticas educacionais em curso no país trazendo consequências para a gestão democrática da educação (CAETANO; COSTA, 2018, p. 270).

Ao tratarmos sobre os processos que articulam o fenômeno da internacionalização, observamos, em nossos estudos de revisão bibliográfica, a falta de publicação de trabalhos realizados por discentes que vivem a experiência de internacionalização, tanto como receptores em suas instituições e/ou como estrangeiros em outras universidades. Os trabalhos, em sua grande maioria, são relatos feitos por terceiros, ou seja, o sujeito pesquisador fala a partir *de e para* outro sujeito, ficando o protagonismo do estudante, por vezes, silenciada. Essa compreensão, também, é apontada por Cunha (2017), que realiza seu estudo tendo a universidade do Porto, em Portugal, como cenário de investigação. Em seu trabalho, menciona que “quis entender como os portugueses problematizavam a presença estrangeira nos processos de educação, mas a produção discente sobre esse tema não é significativa” (CUNHA, 2017, p. 116). Nessa mesma perspectiva, Reschke e Bido (2017), ao problematizarem experiências de estudantes que realizaram mobilidade acadêmica a partir do programa CsF, destacam:

[...] os estudantes demonstram interesse em aproveitar suas experiências para contribuir com suas instituições de origem, ao retornar do intercâmbio. Em geral, registraram a ausência de iniciativas nesse sentido. As experiências são compartilhadas de forma muito restrita nas aulas, com os colegas mais próximos (RESCHKE; BIDO, 2017, p. 136).

Compreendemos que, diante de uma globalização perversa, é primordial que a formação humana seja mais visibilizada no contexto da produção e da divulgação científica, promovendo, dessa forma, um enfrentamento ao projeto neoliberal de mercadorizar o Ensino Superior.

Destarte, tendo apresentado um panorama geral dos processos intrínsecos ao fenômeno da internacionalização no Ensino Superior, passamos a relatar, a seguir, o

processo de seleção de mobilidade acadêmica para mestrandos e doutorandos em uma Universidade Federal, fenômeno que possibilitou o presente estudo.

A seleção para a mobilidade acadêmica e suas intenções: Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - Brasil e Universidade Pedagógica Nacional (UPN) - Colômbia

A mobilidade acadêmica, realizada na UPN, localizada na Colômbia, foi possível por meio de um edital de seleção de mobilidade discente da Pós-Graduação, em 2019, na FURG, no Brasil. O objetivo do edital consistia em apoiar a participação de estudantes em nível de mestrado e doutorado, vinculados aos programas acadêmicos notas 3, 4 e 5, em atividades de intercâmbio, de curta duração, entre grupos e programas de pós-graduação de instituições, nacionais e estrangeiras, formalmente conveniadas com a FURG. As missões de estudos apoiadas com recursos do Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP) institucional deveriam ser realizadas no período de 15 a 30 dias.

Desse modo, para concorrer às vagas de mobilidade discente, fazia-se necessário o comprovante de vinculação com grupo de pesquisa registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); a carta convite do professor da instituição receptora; a carta de recomendação do professor orientador da instituição de origem, justificando a finalidade da missão de estudos para a formação do estudante e para o fortalecimento das interações entre grupos de pesquisa e a universidade receptora conveniada com a FURG; a carta de apoio da coordenação do curso; o plano de trabalho de acordo com os requisitos do edital e a cópia do firmamento de cooperação entre as instituições.

Nesse sentido, o primeiro passo foi verificar qual instituição e qual linha de pesquisa dialogavam com os objetivos da pesquisadora, para, assim, escolher o destino de mobilidade. No Brasil, a pesquisa está vinculada ao PPGEA, à linha de pesquisa, intitulada Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores, e ao grupo de pesquisa Ciranda Interdisciplinar de Pesquisa em Educação e Ambiente (CIPEA). O problema de pesquisa busca investigar o que é isso que se mostra de Educação Ambiental crítica e transformadora nas narrativas do contexto escolar Brasileiro e Colombiano. Desse modo, tem como objetivo principal compreender qual a base teórica que fundamenta a ação docente em sua práxis.

O plano de trabalho apresentado para a seleção no processo de mobilidade acadêmica buscou compreender quais perspectivas e concepções teóricas fundamentam as ações pedagógicas dos professores ao trabalhar Educação Ambiental no cotidiano escolar na Colômbia, procurando entender os seus desafios e as suas possibilidades. Desse modo, foi imprescindível conhecer o contexto e a realidade dos sujeitos que atuam nesse campo. Assim, a proposta de intercâmbio teve como uma das ações empreendidas a observação nas escolas, a fim de dialogar com os professores daquelas para compreender melhor o trabalho didático no que diz respeito ao tema transversal da Educação Ambiental.

O plano de trabalho teve, como atividades propostas, o estudo das políticas públicas de Educação Ambiental da Colômbia, que se referem aos “Lineamentos generales para uma política de Educação Ambiental (1995)”, “Plan Nacional Decenal de Educación (2016-2026)” e a Lei nº 1.549 de 2012 que consolida a política de Educação Ambiental, em especial atenção aos Projetos Escolares Ambientais (PRAEs). Bem como, a participação nas reuniões do grupo de pesquisa, visitas às escolas, entrevistas com professores, produção de dados para a pesquisa, dentre eles, a escrita narrativa no diário de registros.

Compreendemos que um plano de trabalho e qualquer proposta de atividade deve trazer o entendimento sobre o tema abordado. A educação, em sua prática pedagógica, não é neutra e, por isso, deve apresentar a concepção que fundamenta a práxis (FREIRE, 2019). Desse modo, compreendemos o campo da Educação Ambiental e sua contribuição para a formação de professores a partir de Loureiro (2006). Segundo ele, a Educação Ambiental é vinculada às esferas social, cultural, histórica, política e econômica, sendo que promove a conscientização entre o eu e o outro, pela prática reflexiva e teoricamente fundamentada. Esse autor nos convida a refletir sobre o caráter crítico e transformador da Educação Ambiental e a sua importância em diferentes contextos formativos. Ao se tratar sobre o interesse em estudar a práxis pedagógica, vislumbra-se a possibilidade de aprender sobre diferentes contextos educacionais, ou seja, entender como a Educação Ambiental está sendo abordada em escolas situadas em diferentes lugares/países que têm como característica particular a sua latinidade.

Nessa direção, o próximo movimento foi dialogar com professores que atuam em

escolas públicas na cidade de São Paulo das Missões (Brasil), Rio Grande (Brasil) e Bogotá (Colômbia). Essas cidades pertencem a diferentes contextos socioespaciais, que imprimem a elas formas diversas de compreender a forma de ser-e-estar-no-mundo, considerando a variedade de circunstancialidades ambientais que dão corporeidade a sua forma e função social. Nesse movimento, a pesquisa aponta para formas diversas de abordar a Educação Ambiental nas escolas, dado que são realidades diferentes, e destaca-se a potencialidade na complementaridade das formas de fazer. Ressaltamos que a pesquisa não teve como objetivo a comparação de práticas de Educação Ambiental para apontar qual delas, possivelmente, seria a recomendada, e sim realizar um estudo que torne mais complexa a discussão acerca das possibilidades de avançarmos na compreensão de formas de se trabalhar e de viver a Educação Ambiental na atualidade, ou seja, em defesa de mais articulações e menos dicotomias.

Essa proposta advém do entendimento de que a construção e a significação das práticas de Educação Ambiental ocorrem por meio das relações estabelecidas com outros sujeitos no lugar-escola. Nesse sentido, a escolha, para realizar a mobilidade acadêmica na UPN, se deu devido à existência do grupo de pesquisa Alternativas para la Enseñanza de las Ciencias de la naturaleza, na linha Didáctica de los contenidos Curriculares em Química. Esse grupo assume uma perspectiva complexa, crítica e construtiva da formação de professores, no qual a melhoria do professor é entendida como um desenvolvimento profissional em relação à pesquisa na sala de aula, do currículo e, particularmente, dos conteúdos de ensino. O grupo de pesquisa da instituição receptora empreende, também, estudos que investigam as questões que estão relacionadas com as práticas pedagógicas da Educação Ambiental, assim, indo ao encontro das inquietações das pesquisadoras no Brasil.

Destarte, tendo apresentado um pouco do processo de mobilidade acadêmica na FURG e suas articulações com a pesquisa em Educação Ambiental, passamos a relatar a vivência da mestranda nesse intercâmbio e a sua contribuição para a pesquisa. Cabe destacar que existem diversos editais que possibilitam intercâmbios estudantis (KRAWCZYK, 2008), e este texto trata, especificamente do caso de mobilidade, possibilitado pela FURG.

O diário de registros como modo de (re)significar as ações empreendidas durante a mobilidade acadêmica e a sua contribuição para a pesquisa

Um importante movimento que é causado pela oportunidade de conviver em um espaço de cultura diferente, em outra dinâmica de vida, consiste em entender diferentes situações existenciais. Os fenômenos de entendimentos são significados a partir do momento em que se presencia/vivência diferentes realidades do cotidiano da sociedade. A experiência da mobilidade discente empreendeu diversas ações, dentre elas, as saídas de campo e as visitas a comunidades vulneráveis. Por exemplo, durante o período da mobilidade acadêmica na UPN, na Colômbia, ao conhecer e dialogar com sujeitos que foram literalmente expulsos de suas casas e “despejadas” em outro contexto socioespacial, a compreensão e o sentimento são (re)significados em relação a uma leitura científica que mostra tais realidades. Como é exposto por Bauman (2007) ao mencionar os problemas globais:

[...] atualmente as cidades são aterros sanitários de problemas produzidos globalmente. Mas também podem ser vistas como laboratórios em que as formas de conviver com a diferença, ainda a serem aprendidas pelos habitantes de um planeta cada vez mais populoso, são a cada dia, inventadas, testadas memoradas e assimiladas (BAUMAN, 2007, p. 98).

Os aspectos relacionados à visão de mundo que estão sendo discutidos podem ser aprimorados quando viajamos, pois conhecemos outras realidades e outras formas de compreender o mundo. A mobilidade acadêmica proporciona essa experiência, principalmente, quando ela se dá em contextos distintos, a exemplo da mobilidade acadêmica do campo, pequenas cidades para grandes centros urbanos. O movimento contrário também proporciona desajustes na compreensão que o sujeito tem em relação ao seu contexto socioespacial.

Nessa perspectiva, a educação, no processo de ensino e aprendizagem, se dá com o outro e não para o outro, sendo que “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2019, p. 108). Nessa direção, conviver e experienciar outros modos de vida, cultura, costumes e linguagem permite ao sujeito compreender ou perceber outros significados de vida. Cada sujeito tem suas

compreensões sobre a forma de ser-e-estar-no-mundo, a partir do contexto de sua realidade. Por isso, entendemos que a mobilidade acadêmica é um fenômeno fundamental para avançar na compreensão do modo de ver, fazer e constituir a Educação Ambiental, bem como para desenvolver a pesquisa de modo geral.

Para significar as experiências, da mobilidade acadêmica, a mestranda faz uso do diário de registros (FREITAS, MACHADO, SOUZA, 2017), que consiste em uma forma de atentar-se para os momentos vivenciados, que depois de algum tempo poderiam “ser esquecidos”. Compreendemos que a prática de escrever sobre o que se passou em um dia contribui para, de fato, compreender o que “nos” passou, pois, nesse momento, dedicamos um tempo para a reflexão, enriquecendo a memória.

Acredita-se que esse processo de escrita no diário e o seu uso como ferramenta de análise, neste trabalho, permite a (auto)formação, no sentido pessoal e profissional, ao se modificar, constantemente, a compreensão acerca do significado da experiência, tendo em vista tempos diferentes, de acordo com as circunstâncias do momento.

A escrita no diário de registros é uma narrativa que se constitui a partir do recontar da própria história e é uma forma de compreender a experiência. Desse modo,

o contar sobre nós mesmos, o encontro de nós mesmos no passado por meio da pesquisa deixa claro que, como pesquisadores, nós, também, somos parte da atividade. Nós colaboramos para construir o mundo em que nos encontramos (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 97).

A narrativa presente no diário aponta que o intercâmbio permitido pela mobilidade acadêmica é uma vivência significativa, tanto no aspecto da práxis pedagógica⁵, em que se conhece outras perspectivas, diferentes modos de se fazer e compreender as ações educacionais, quanto no aspecto de crescimento pessoal. É importante destacar que a mobilidade, também, possibilita oportunidades de compartilhar vivências de outras culturas, histórias e lugares para ampliar conhecimentos e interações transculturais da academia.

Todos esses aspectos são percebidos no diário de registros da mestranda, que

⁵ Teoria pedagógica de Paulo Freire, fundamentada no diálogo, na reflexão e na ação transformadora da realidade, objetiva a construção da consciência crítica da humanidade a partir de uma práxis libertadora, revolucionária e concretizada na relação teoria-prática (FREIRE, 2019).

documentou a experiência vivenciada e assume o diário de registros como objeto de investigação para este texto, que articula a importância da escrita para o processo de (trans)formação docente.

De acordo com Larrosa (2002), a experiência é cada vez mais rara, pois o sujeito tudo o atravessa, tudo o excita e o agita, mas nada lhe acontece. A velocidade com que as coisas acontecem é para o autor, um dos motivos da falta de experiência, no sentido de compreender o que nos acontece. A falta de silêncio e de memória são, também, inimigas da experiência. A partir da compreensão de que muitas coisas se passam num mesmo dia, mas, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece, consideramos que o diário de registros é uma ferramenta potencializadora para (re)significar as nossas ações e contribuir no processo de (trans)formação docente e humana.

O diário de registros permite a experiência de reflexão sobre a prática, pois leva o sujeito a pensar sobre o processo vivenciado para, então, materializar os pensamentos em palavras escritas. De acordo com Freitas, Machado e Souza (2017), essa reflexão acontece ao levar em conta a historicidade e as características dos contextos institucionais, constituindo-se, desse modo, como importante componente de (trans)formação docente. Ainda de acordo com os autores, os processos de (trans)formação vêm proporcionando o desenvolvimento de práticas crítico-reflexivas, bem como produzindo dados para a investigação sobre o ensino a partir da documentação da experiência. Nesse sentido, a mobilidade acadêmica e a escrita narrativa no diário de registros têm grande importância na formação docente, de acordo com Lima, Cousin e Galiazzi,

[...] o resgate da história de formação de cada pesquisador, por meio de narrativas, remete para o entendimento da importância de um dos princípios da Educação Ambiental que é a diversidade que não deve ser destoante, mas presente para engendrar o todo fortalecido na soma das diferentes partes, princípio este que deve nortear as instâncias escolares, perpassando pela formação continuada em Educação Ambiental (LIMA; COUSIN; GALIAZZI, 2010, p. 196).

Nessa direção, uma ação vivenciada e narrada no diário de registros diz respeito à saída de campo, com a turma do curso de Licenciatura em Química da UPN, no componente de estágio de docência. Essa atividade aconteceu no “Jardín Botánico” e foi

mediada por uma guia de turismo que conduziu a aula. Essa prática de saída de campo é muito comum nas escolas de educação básica e nas universidades, segundo os relatos dos estudantes de Química. A guia de turismo foi conduzindo todos pelo jardim e, a partir de seus elementos naturais, questionava os alunos sobre o que poderia ser ensinado a partir da árvore, do solo, da água e das folhas, instigando os alunos a tocarem e sentirem as formas e texturas desses elementos.

A ação educativa desenvolvida se refere a uma maneira geral de conceber e praticar a Educação Ambiental, que, nessa atividade de saída de campo, está fundamentada na corrente naturalista, proposta por Sauv  (2005). Essa compreens  se d  a partir das atividades realizadas e dos fundamentos da corrente naturalista, que   centrada na rela o com a natureza. O enfoque pode ser cognitivo, experiencial ou espiritual, sendo entendido, respectivamente, como: aprender com coisas sobre a natureza, viver na natureza, associar a criatividade humana   da natureza. Essa corrente   associada ao movimento de educa o para o meio natural e a certas proposi es de “educa o ao ar livre” (SAUVÉ, 2005).

Outra a o empreendida, durante a mobilidade acad mica, foi a participa o no “V Congresso Nacional de Investigación en Ense anza de la Biología y X Encuentro Nacional de Experiencias en Ense anza de la Biología y la Educación Ambiental”. Nesse evento, a apresenta o de trabalhos teve a participa o de sujeitos de diversos países, a exemplo, pesquisadores brasileiros. Eventos que permitem problematizar a Educa o Ambiental, como esse proposto pela UPN, e tantos outros fazem-se cada vez mais necessários para enfrentarmos as a es que caminham em sentido contrário, a exemplo, as proposi es do governo neoliberal vigente no Brasil. Compreendemos que esses espaços de diálogo podem resultar em estratégias que permitem (re)formular as nossas a es em busca da emancipa o humana e da justiça social.

Nessa perspectiva, as visitas às escolas, privadas e públicas, oportunizaram conhecer os Projetos Escolares Ambientais (PRAEs), obrigatórios em todas as escolas da Colômbia. O PRAE consiste em um instrumento político e educativo, sendo estabelecido no Decreto n  1.743 de 1994, surgindo com o propósito de integrar a Educa o Ambiental nos currículos de todos os níveis escolares. Estes são fundamentados na abordagem interdisciplinar das problemáticas e das potencialidades socioambientais locais, regionais

e nacionais. Os projetos, elaborados em cada escola na Colômbia, são orientados a estar consolidados a partir de diretrizes conceituais e de princípios fundamentais do Plano Nacional de Educação Ambiental (PNEA), entre eles, o conceito holístico de ambiente, a educação ambiental e os diversos aspectos, como: conceito de sustentabilidade, formação de novos cidadãos com base na participação, na interdisciplinaridade, na pesquisa, entre outros (COLÔMBIA, 2002). Muitas das propostas políticas da Colômbia são baseadas nos objetivos do desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

As atividades do PRAE de uma escola particular em Bogotá têm ações, a exemplo de não ter cestos de lixeiras nas salas de aula. Em diálogo com a professora, essa prática possibilita criar responsabilidade nos alunos para com o cuidado do seu lixo em sala de aula, podendo, em outro momento, oportuno fazer o descarte correto nas lixeiras que estão localizadas no pátio da escola. Na escola, os alunos cultivam a horta e cuidam, por vezes, de alguns animais como galinha, peru e papagaio. A água que mantém a escola em funcionamento provém do próprio poço artesiano localizado no pátio escolar. A escola é quem faz a captação e o tratamento da água que utiliza. A ideia, aqui, não é problematizar as ações desenvolvidas pela escola, mas apresentar quais são as atividades realizadas pela instituição.

Nessa direção, outra atividade que consiste no PRAE é a ação de se eleger em cada turma, um aluno que é chamado como “vigilante ambiental”, esse é responsável por chamar a atenção dos colegas e manter o espaço da sala de aula sem lixo. A função do “vigilante” vai além e contempla a problematização, por meio do diálogo, das questões ambientais com a comunidade escolar.

As ações da escola vão para além de questões pontuais, os professores se reúnem para elaborar projetos interdisciplinares a partir de temas geradores. Nesses projetos, acontece a problematização envolvendo aspectos econômicos, sociais, éticos e políticos. Um quesito apontado pelos professores é a necessidade de avançar na avaliação desses projetos, observando qual o real alcance das ações desenvolvidas. Esse trabalho coletivo entre professores tem como objetivo a formação do sujeito crítico, para que esse entenda o seu papel social diante das possibilidades de atuação na sociedade. A escola tem um papel importante nessa (trans)formação do sujeito, para Loureiro,

[...] as escolas, em uma perspectiva emancipatória, não podem ser apenas para tornar a pessoa apta para o convívio social e para o mercado de trabalho segundo normas preestabelecidas, mas para formá-la como cidadã, capaz de conviver em sociedade e, mais do que isso, de decidir sobre como deve ser a sociedade em que se quer viver (LOUREIRO, 2019, p. 22).

Em outro momento, ao ler as escritas no diário de registros, nos deparamos com outra ação empreendida durante a mobilidade, que consiste no relato da saída de campo, denominado como Cátedra Ambiental, que aconteceu com as turmas de graduação em Química da UPN. A referência a essa atividade foi feita na introdução quando nos referimos ao diálogo com os sujeitos que foram expulsos de suas casas e “despejadas” em outro lugar. A Cátedra Ambiental tinha, como tema de estudo, a sustentabilidade em territórios comunitários na localidade de Usme, localizado no sudeste da cidade de Bogotá (Colômbia). A atividade vivenciada pela mestranda e registrada em seu diário possibilita a compreensão da dinâmica daquela localidade em relação à pluralidade de abordagens e experiências.

Nesse sentido, fica explícito, na narrativa do diário, que Usme é uma localidade que acolhe populações, provenientes de vários processos migratórios, muitos motivados pela violência do conflito Colombiano armado. Nesse cenário, desigualdade social, vulnerabilidade e diferentes formas de violência emergem como referentes ao cotidiano de seus habitantes.

O enriquecimento da memória, acerca das vivências que se tornaram experiências, foram possibilitadas, em grande parte, pela escrita e pela leitura no diário de registros. O uso do diário de registros demonstra o potencial formativo da descrição e da reflexão do que “nos passou e se constituiu” em um dia.

Deste modo, a trama de ideias construídas a partir das narrativas, no diário de registros e explicitadas neste trabalho, permite reforçar que o conhecimento e a aprendizagem não são desvinculados da prática social, da cultura. Destarte, a escrita narrativa se justifica como possibilidade de ampliar a percepção ontológica do sujeito-pesquisador para fundamentar a prática de Educação Ambiental, no viés crítico-transformador.

A mobilidade acadêmica, um dos fenômenos da internacionalização na Educação Superior, oferece um leque de oportunidades para a expansão dos conhecimentos científicos e das visões de mundo. Essa experiência, em nosso entendimento, possibilita ao acadêmico uma visão ampla, reflexiva e crítica acerca das questões sociais, ambientais, políticas, econômicas, pessoais e profissionais.

A oportunidade de conhecer e poder discutir as questões da práxis, articuladas à Educação Ambiental no Brasil e na Colômbia, possibilita a revisão de conceitos, a quebra de paradigmas e um olhar mais reflexivo a respeito das práticas de Educação Ambiental. Além disso, a mobilidade acadêmica se constitui em um momento de desenvolvimento de habilidades técnico-científicas e interpessoais, de aperfeiçoamento das competências linguísticas e de construção de personalidade, independência e maturidade.

A mobilidade acadêmica permite o compartilhamento de ideias, a exemplo, a experiência que relatamos oportunizou uma vivência teórica e prática quanto ao processo de ensino e aprendizagem das questões ambientais, que, na Colômbia, se destaca por meio dos PRAEs na educação básica, o que acontece, no Brasil, também, no entanto, não temos um projeto “guarda-chuva” que orienta as ações da escola. Outros pontos a serem destacados são a integração em grupos de pesquisa e a participação em congressos científicos. Haja vista os benefícios que um programa de mobilidade proporciona, defendemos a importância de se primar por recursos que, cada vez mais, possam apoiar missões de estudos e fortalecer a construção de conhecimento que se dá na relação com outros sujeitos.

Nesse sentido, é importante retomar a narrativa no diário de registros, pois é uma das ferramentas que constitui o sujeito como educador crítico, pois, por meio dela, é possível apreender o sentido da experiência, abrindo espaço para a expressão de sua subjetividade. A pergunta que perpassa a pesquisa diz respeito a entender que Educação Ambiental é essa que acontece nas escolas, sendo respondida, em parte, pela narrativa dos professores, sujeitos participantes desta pesquisa. Cabe destacar que a explicitação específica dos resultados finais não são discutidos neste texto, pois o olhar recai sobre o fenômeno da internacionalização acadêmica e sua articulação com o problema de

Por fim, destacamos que as possibilidades e as experiências de mobilidade acadêmica precisam ultrapassar os muros da academia, a fim de ampliar a visão desses processos. Comprendemos que, para avançar na igualdade de oportunidades e de acesso de internacionalização na Educação Superior, são importantes os estudos que permitam a análise e a construção de políticas públicas que podem contribuir com esse processo.

Referências

PEREIRA, Elisabete Aguiar; HEINZLE, Márcia Regina Selpa; PINTO, Marialva Moog. Internacionalização na educação superior e mobilidade estudantil: o vai e vem de jovens acadêmicos. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 24, n. 1, 5 maio 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6990/4156>. Acesso em: 8 ago. 2020.

AKKARI, Adeljalil; SANTIAGO, Mylene. L'internationalisation des universités dans un contexte de crise. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 24, n. 1, 5 maio 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6995>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BATTESTIN, Cláudia; MUNHOZ, Benjamin Panduro; COSTA, Miguel Ângelo Silva da. Redes intelectuais, internacionalização e regionalização acadêmica: uma abordagem a partir do contexto latino-americano. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 24, n. 1, 5 maio 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6988>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CAETANO, Maria Raquel; COSTA, Marilda de Oliveira. Gerencialismo, Internacionalização da educação e o papel da Teach For All no Brasil. **Revista Educação em Questão**, v. 56, n. 48, 17 jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/15183/10028>. Acesso em: 17 ago. 2020.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa Narrativa**: experiência e história de pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

COLOMBIA. **Política Nacional de Educación Ambiental** (PNEA) SINA. Consejo Nacional Ambiental. Ministerio De Ambiente Vivienda Y Desarrollo Territorial. Bogotá, Colombia. 2002, Julio 16 de 2002 98 p. Disponível em: http://cmap.upb.edu.co/rid=1195259861703_152904399_919/politica_educacion_amb.pdf. Acesso em: 19 jul. 2019.

COLOMBIA. **Ley nº 1549**, del 5 de Julio de 2012. Por medio de la cual se fortalece la institucionalización de la política nacional de educación ambiental y su incorporación

efectiva en el desarrollo territorial. Congreso de la república. Bogotá. 2012. Disponível em: <http://wsp.presidencia.gov.co/Normativa/Leyes/Documents/ley154905072012.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2019.

COLOMBIA. **Plan Nacional Decenal de Educación 2016 – 2026**. El camino hacia la calidad y la equidad. Gobierno de Colombia. Mineducación. Disponível em: http://www.plandecenal.edu.co/cms/images/PLAN%20NACIONAL%20DECENAL%20DE%20EDUCACION%202DA%20EDICION_271117.pdf. Acesso em: 20 de jul. de 2019.

CUNHA, Cláudia Madruga. Internacionalização acadêmica e/ou inclusão do estudante estrangeiro em Portugal: diversidade e diferença em questão. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 24, n. 1, 5 maio 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6996/4160>. Acesso em: 14 ago. 2020.

DEVECHI, Catia Piccolo Viero; TAUCHEN, Gionara; LANZ, Helza Ricarte. Educação comparada internacional: percepções sobre a formação de professores no Brasil e na Alemanha. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 24, n. 1, 5 maio 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6994>. Acesso em: 13 ago. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 67. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de; MACHADO, Maria Elisabete; SOUZA, Micheli Silveira de Souza. O diário de registros como instrumento de (trans)formação docente. In: **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**. Dossiê: Saberes, Práticas, e formação de Educadores(as) Ambientais, v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/7886/5099>. Acesso em: 24 mai. 2020.

JACOBUS, Artur; VITELLI, Ricardo Ferreira; FRITSCH, Rosangela. A produção de conhecimentos sobre Educação Superior no Brasil em artigos publicados entre 2008 e 2018. **Revista Educação em Questão**, v. 57, n. 53, 3 jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/17114/11882>. Acesso em: 17 ago. 2020.

KRAWCZYK, Nora Rut. As políticas de internacionalização das universidades no Brasil: o caso da regionalização no Mercosul. **Jornal de Políticas Educacionais**, n. 4, p. 41-52, jul.-dez. 2008. Disponível em: http://www.jpe.ufpr.br/n4_5.pdf. Acesso em: 23 set. 2012.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2020.

LINGNAU, Carina Merkle; NAVARRO, Pedro. Efeitos de sujeição: Programa Ciência sem Fronteiras. **Revista Educação**, v. 44, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/31938/pdf>. Acesso em: 9 ago. 2020.

LIMA, Cleiva Aguiar de; COUSIN, Claudia da Silva; GALIAZZI, Maria do Carmo. As pegadas da (auto)formação: um caminho de formação continuada na educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S.l.], mar. 2013. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3403/2061>. Acesso em: 3 jun. 2020.

LÓPEZ, Aristeo Santos; FÁVERO, Altair Alberto; GONZÁLEZ, Norma González. Del discurso a la realidad: internacionalización de la educación superior en académicos extranjeros en la UAEMEX. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 24, n. 1, 5 maio 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6989>. Acesso em: 13 ago. 2020.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação Ambiental**: questões de vida. São Paulo: Cortez, 2019.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajectoria e Fundamentos da Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MAUÉS, Olgaíses Cabral.; SOUZA, Michele Borges de. A transnacionalização e a expansão da educação superior. **Revista Educação Em Questão**, v. 56, n. 47, p. 151-173, 12 abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/14002>. Acesso em: 11 de ago. de 2020.

MOROSINI, Marília Costa; CORTE, Marilene Gabriel Dalla. Teses e realidades no contexto da internacionalização da educação superior no Brasil. **Revista Educação em Questão**, v. 56, n. 47, p. 97-120, 12 abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/14000/9321>. Acesso em: 9 ago. 2020.

OLIVEIRA, Marlize Rubin; WIELEWICKI, Hamiltom de Godoy; PEZARICO, Giovanna. Internacionalização da Educação Superior: Lugar, Sujeito e Pesquisa como categorias substantivas de análise. **Revista Educação**, v. 44, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/33141/pdf>. Acesso em: 17 ago. 2020.

RESCHKE, Maria Janine Dalpiaz.; BIDO, Maria Cláudia Fogaça. Potencializando a experiência de internacionalização: reflexões sobre o Programa Ciência sem Fronteiras. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 24, n. 1, 5 maio 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6997/4161>. Acesso em: 14 de ago. de 2020.

SANTOS, Miltom. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel Cristina Moura (Orgs.). **Educação Ambiental**: pesquisas e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVA, Stella Maris Wolff da; SCHETINGER, Maria Rosa Chitolina; NETO, Ivan Rocha. O processo de internacionalização da Pós-Graduação Stricto Sensu Brasileira. **Revista Contexto & Educação**, v. 33, n. 105, p. 341-364, 26 jun. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/7085>. Acesso em: 9 ago. 2020.

STALLIVIERI, Luciane. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. **Educação Brasileira**, Brasília: Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, v. 24, n. 48/49, p. 35-57, Jan/Dez/2002. Disponível em: <https://iglu.paginas.ufsc.br/files/2014/08/SLIDES-LUCIANE.pdf>. Acesso em: 14 jul.



2020.

THIESEN, Juares Silva. Cosmopolitismo como fundamento e utopia nos movimentos pela internacionalização do currículo. **Revista Educação em Questão**, v. 56, n. 49, 17 out. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/13779>. Acesso em: 17 ago. 2020.

Submissão em: 30-12-2020

Aceito em: 22-03-2021

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br